

## ***CUADERNOS HISPANOAMERICANOS:* O PROJETO FRANQUISTA PARA A AMÉRICA LATINA**

*André Mateus Pupin<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O artigo analisa a revista cultural *Cuadernos Hispanoamericanos* (CH), entre os anos 1948-1955, como parte do projeto cultural planejado pela ditadura de Francisco Franco para a América Latina, que buscava defender um universal hispânico válido para toda a *Hispanoamérica*. A análise inicia pela explicação da conjuntura espanhola anterior ao franquismo para, assim, compreender o isolamento do país após a Guerra Civil (1936 - 1939). Tal contexto motivou a criação de uma revista transnacional que visou afirmar a cultura espanhola como fundadora da unidade latino-americana, pautada pela reafirmação do catolicismo, da língua espanhola e do conservadorismo em contraposição à propagação do ideário republicano e da laicização após o contexto da Guerra Civil Espanhola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Franquismo. América Latina. Revistas culturais. Autoritarismo.

## ***CUADERNOS HISPANOAMERICANOS:* THE FRANCOIST PROJECT FOR LATIN AMERICA**

**ABSTRACT:** The article analyzes the cultural review *Cuadernos Hispanoamericanos* (CH), between the years 1948-1955, as part of the cultural project planned by the dictatorship of Francisco Franco for Latin America, which sought to defend a Hispanic universal for *Hispanoamerica*. The analysis begins with the Spanish situation before the Francoism, in

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Contato: andrepupinrp@hotmail.com

order to understand the isolation of the country after the Civil War. This context motivated the creation of a transnational magazine that looked for to affirm Spanish culture as the founder of Latin American unity, guided by the reaffirmation of Catholicism, the Spanish language and conservatism in opposition to the spread of the republican ideology and the secularization after the context of the Spanish Civil War.

**KEYWORDS:** Francoism. Latin America. Cultural reviews. Authoritarianism.

## **CUADERNOS HISPANOAMERICANOS: EL PROYECTO FRANQUISTA PARA AMÉRICA LATINA**

**RESUMEN:** El artículo analiza la revista cultural *Cuadernos Hispanoamericanos* (CH), entre los años 1948-1955, como parte del proyecto cultural planeado por la dictadura de Francisco Franco para América Latina, que buscaba defender un universal hispano para toda *Hispanoamérica*. El análisis comienza explicando la situación española previa al franquismo, para comprender el aislamiento del país después de la Guerra civil. Este contexto motivó la creación de una revista transnacional que buscaba afirmar la cultura española como la fundadora de la unidad latinoamericana, guiada por la reafirmación del catolicismo, la lengua española y el conservadurismo en oposición a la difusión de la ideología republicana y la secularización después del contexto de la Guerra Civil Española.

**PALABRAS CLAVE:** Franquismo. América Latina. Revistas culturales. Autoritarismo.

### **INTRODUÇÃO**

...qual o momento, o momento preciso da transposição?  
que instante, que instante terrível é esse que marca o salto?  
que massa de vento, que fundo de espaço concorrem para  
levar ao limite? o limite em que as coisas já desprovidas de  
vibração deixam de ser simplesmente vida na corrente do  
dia a dia para ser vida nos subterrâneos da memória...

Raduan Nassar

A Espanha franquista (1939-1975), principalmente durante o primeiro franquismo (1939-1959), ficou marcada com a imagem do empobrecimento decorrente da Guerra Civil espanhola (1936-1939) e pelo isolamento político após a derrota do Eixo na Segunda Guerra Mundial, grupo que havia apoiado os nacionalistas no referido conflito interno. Diante disso, as antigas colônias americanas ganharam centralidade no projeto cultural e político espanhol, que também se pretendia econômico. Os *Cuadernos Hispanoamericanos* (CH) foram criados nesse contexto, em 1948, de modo que nossa análise se estende de sua criação até 1955, momento em que a Espanha foi aceita na Organização das Nações Unidas (ONU) e o olhar sobre a América Latina enfraqueceu.

O objetivo deste artigo é o de explicar a fundação e organização institucional dos CH, bem como analisar os principais temas do periódico, evidenciando a proposta franquista e suas nuances no seio da própria revista. O nome da revista coloca a América Latina como *Hispanoamérica*, ou seja, atribui centralidade ao legado espanhol – língua castelhana e religião católica – através do conceito da *hispanidad*. Por conta desse olhar amplo dos CH sobre a América Latina, optamos pela perspectiva da História Intelectual aliada à História Transnacional. Além das discussões entre América e Espanha, a principal nuance que escolhemos discutir é a colaboração de autores liberais na revista. Com a finalidade de contextualizar o assunto aqui abordado, apresentaremos alguns aspectos da CH levando em conta a conjuntura espanhola e o franquismo enquanto fenômeno histórico.

## **OS CUADERNOS HISPANOAMERICANOS: SEUS EDITORES, TEMAS E SEÇÕES**

Os *Cuadernos Hispanoamericanos*<sup>2</sup> eram submetidos ao Instituto de Cultura Hispânica<sup>3</sup> (ICH), que também coordenava a revista *Mundo*

<sup>2</sup> A publicação, existente até hoje, foi pouco estudada no Brasil e no mundo, e está disponível online na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes.

<sup>3</sup> Criado em 1940, como *Consejo de hispanidad*, teve seu nome alterado para Instituto de Cultura Hispânica em 1945.

*Hispánico*. Conforme aponta Maria Helena Capelato, a revista ilustrada *Mundo Hispánico* era destinada a um público mais amplo, buscando clarificar dados do passado supostamente distorcidos pela *leyenda negra*<sup>4</sup>. Já CH, com discussões intelectuais aprofundadas e destinada a um público menor, buscava responder as críticas feitas ao franquismo no exterior, sendo esse um motivo para permitir algumas opiniões dissonantes (CAPELATO, 2005, p. 345).

A revista foi fundada sob direção de Pedro Laín Entralgo<sup>5</sup> com o auxílio de Luis Rosales<sup>6</sup> e Enrique Casamayor. Em 1951, Entralgo deixa a direção da revista sendo substituído por Rosales, mas continua enquanto colaborador. Importante destacar a co-direção do argentino Mario Amadeo<sup>7</sup>. Aproveito a menção a Amadeo para explicar uma questão importante que os documentos mostram: há grande presença de americanos escrevendo nos CH, havendo inclusive Institutos de Cultura Hispânica na América Latina como, por exemplo, no Chile (IchCH) e no Peru (IpCH).

A organização interna sofreu poucas alterações nos oito anos que investigamos (1948-1955). Nas primeiras páginas e em outros momentos da revista é comum a aparição de imagens que remetam à *hispanidad* e à religião católica, como é o caso da imagem 1, que abre a primeira edição dos CH, em 1948, e que nos mostra um monge copista.

---

<sup>4</sup> A visão idealizadora e teleológica da colonização espanhola da América ficou conhecida como *leyenda rosa*. Por outro lado, há também a *leyenda negra*, que coloca a Conquista e colonização espanhola como o grande causador do mal na América. Freitas Neto (2013) explica como a obra de Las Casas reforçou esta percepção trágica. O autor também utiliza de imagens do ourives belga Theodor De Bry para evidenciar o alastramento da *leyenda negra* no século XVI.

<sup>5</sup> Pedro Laín Entralgo (1908-2001) foi um intelectual espanhol, formado em química e medicina, além de ter uma formação humanística, sendo um leitor de Ortega y Gasset. Antes dos CH teve importante lugar na política, participando de um grupo de falangistas atuante até 1942. O entrelaçamento entre Entralgo e os primeiros anos da revista foi analisado por Capelato (2005).

<sup>6</sup> Espanhol, membro da *Hispanic Society of America*, dirigiu a publicação entre 1951 e 1956.

<sup>7</sup> Mario Amadeo (1911-1983) foi advogado, professor universitário e diplomata. Católico conservador, ajudou na fundação da Ação Católica em 1931, além de fundar o grupo *Azul y Blanco*, de caráter anti-imperialista e antiliberal. Também fundou a revista *Sol y Luna* sendo responsável por difundir a *hispanidad* franquista na Argentina, bem como foi apoiador do nazi-fascismo durante a Segunda Guerra Mundial. Sobre a revista *Sol y Luna* ver Iannini (2013).

**Imagem 1:** Monge copista abre a primeira edição dos Cuadernos Hispanoamericanos, em 1948 (Xilogravura).



Autoria: Suárez de Arbol.

A primeira seção era denominada *Del ser y del pensar hispánico* e buscava trazer reflexões sobre o passado medieval da península ibérica – propondo uma ideia artificial de nação espanhola – com maior ênfase nos primórdios da escrita da história hispânica e do combate aos mouros, ou seja, a valorização das origens da *hispanidad* e da *catolicidad*, respectivamente. Aqui, uma figura muito remetida é o rei espanhol Alfonso X, o Sábio, sobre o qual daremos maiores detalhes adiante.

Em seguida, importa observar que há uma seção destinada a arte e literatura, nos primeiros anos separada na seção *Arte y pensamiento*, mas depois diluída nas demais partes da revista. Na seqüência, a seção *Brújula de actualidad* fazia uma aproximação mais direta com a *Hispanoamérica* evidenciando a proposta da revista. Por último, a seção *Asteriscos* trazia propagandas que se mostraram muito relevantes para a pesquisa: um exemplo é a revista portuguesa *Rumos*, também lançada em 1948, e que fala de uma *portuguesidade*. Ademais, a publicidade de alguns congressos reforça o tipo de visão dos CH sobre a América Latina e o passado que pretendia valorizar, como a *II Asamblea de Americanistas*, em Sevilha, por ocasião do IV centenário de morte de Hernán Cortés.

Vale ressaltar que ao longo do tempo a organização da revista mudou. Nas últimas edições analisadas, divide-se apenas em *Brújula del pensamiento* e *Brújula de actualidad*. Mas a proposta de organização continuou a mesma, qual seja: os textos se intercalam em aproximação e afastamento, maior e menor explicitação dos interesses espanhóis sobre a *Hispanoamérica*. Trata-se de um exercício de escrita em que as ideias deveriam guiar, “iluminar” as interpretações sobre a atualidade e, conseqüentemente, restabelecer o primado das ideias. Tal operação, no interior de revistas culturais, é frequente, como observa Regina Crespo:

Las revistas literarias y culturales han representado un espacio privilegiado para el establecimiento de pautas de discusión y acción no sólo en el campo cultural e intelectual sino además en el ámbito sociopolítico. (...) La comprensión de cómo se establecen y se difunden los cánones literarios, ideológicos y culturales, de cómo se construyen – se modifican, se adaptan o se sustituyen – las tradiciones locales, nacionales e incluso continentales, pasa inevitablemente por el análisis de estos vehículos de difusión y debate que, desde su surgimiento, han constituido herramientas básicas para la circulación de las ideas (CRESPO, 2010, p. 9).

Ou seja, ao analisarmos os CH, pretendemos contribuir para a compreensão de discursos autoritários em rede, através do exame da

circulação de ideais em uma plataforma transnacional – a revista cultural *Cuadernos Hispanoamericanos* – que, ao eleger um centro que influenciou periferias, evidenciou seu projeto e propósitos.

## O FRANQUISMO COMO FENÔMENO HISTÓRICO

A ascensão de Francisco Franco ao poder, após a Guerra Civil Espanhola<sup>8</sup> (1936-1939), foi marcada por perseguições, pelo alinhamento aos regimes totalitários europeus e, após o final da II Guerra Mundial, pela implementação de um projeto cultural que tinha na América Latina um de seus objetivos centrais. Naquele instante, países como México e Chile receberam muitos republicanos exilados da guerra. O antifranquismo, no contexto das críticas aos demais regimes totalitários, crescia no território das antigas colônias e, pode-se dizer, que a América Latina estava novamente envolta em uma disputa: desta vez, no embate intelectual entre franquistas e antifranquistas, por meio de revistas culturais.

Os republicanos exilados no México, por exemplo, fundaram a revista *Cuadernos Americanos* em 1942 e propagaram os princípios do republicanismo, da liberdade, da justiça social e da denúncia ao autoritarismo que sobreviveu na Espanha com a manutenção de Franco no poder. Por meio dessa publicação, coordenada por seis mexicanos e cinco espanhóis, intelectuais latino-americanos de diversos países criticaram outros autoritarismos chegando, até, a eleger a América Latina como espaço em que a crise da cultura ocidental do pós-guerra seria superada. Por outro lado, além do apoio a Franco dentro da própria Espanha, houve defensores seus na América Latina, como já adiantamos a partir do caso de Mario Amadeo.

---

<sup>8</sup> A Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) ocorreu após a tentativa fracassada do general Francisco Franco, aliado à milícia de ultradireita Falange, de usurpar o poder da Segunda República Espanhola, sendo o resultado, após três anos de violenta guerra, a vitória dos autoproclamados nacionalistas sobre os republicanos. Enquanto os nacionalistas tiveram o apoio da Itália fascista e da Alemanha nazista, os republicanos tiveram o apoio da União Soviética, do México governado por Lázaro Cardenas e do Chile de Pedro Aguirre Cerda, além das Brigadas Internacionais. Com a vitória franquista, muitos se exilaram no sul da França, alguns ficando ali e inclusive se aliando à milícia contra Hitler e seu colaborador Marechal Pétain; já outros, a partir da França, exilaram-se na América Latina, com destaque para o México.

Como resposta contra essa campanha internacional surgiram os *Cuadernos Hispanoamericanos*, em 1948, vinculados ao Instituto de Cultura Hispânica com sede em Madrid e filiais na América. Tal Instituto estava vinculado ao Ministério de Relações Exteriores da Espanha<sup>9</sup>, o que não só evidencia o caráter de divulgação para fora do país, mas também se relaciona às intenções de Franco em criar um Mercado Comum Ibero-Americano, já que a Espanha demorou para ser aceita nas organizações internacionais ocidentais do pós-guerra, uma vez que fora aliada aos regimes fascista e nazista.<sup>10</sup> Sobre esse ponto, Dias Martins (2012, p. 63) afirma que:

O ICH era considerado ainda como o responsável pelo combate às ideias que haviam afastado a Espanha dos países hispano-americanos, como o indigenismo, o nacionalismo, o antiespanholismo político, derivado da emancipação, e também o comunismo. Para tanto foi necessário construir um arcabouço ideológico guiado pelo conceito de *Hispanidad*.

Ademais, vale notar que a entrada na ONU foi em 1955, momento em que a aproximação da Espanha em relação à América mudou de viés, sendo por isso o ano que marca o fim do nosso recorte temporal. Vale mencionar que, na União Europeia e na OTAN, a Espanha seria aceita apenas após a redemocratização, respectivamente em 1986 e 1982.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> O *Ministerio de Asuntos Exteriores* (MAE) abarcava a Junta de Relações Culturais (JRC), e tinha como um dos seus grandes propósitos a contrapropaganda ante o que era divulgado pelos exilados espanhóis (MARTINS, 2012).

<sup>10</sup> Em decorrência disso, algumas produções historiográficas classificam o franquismo como fascista. Outras classificaram o franquismo como parcialmente fascista: “fascistización fallida” por TUSELL (2005, p. 44); e “tirania semifascista” por ARENDT (2012, p. 415). Todavia, nosso entendimento é o de que o conceito de fascismo se refere apenas ao fascismo histórico, ou seja, a Itália fascista e a Alemanha nazista – visão defendida no Dicionário de Política organizado por Bobbio (1983). Por outro lado, a discussão sobre os usos do termo fascismo tem crescido, existindo também o conceito de “neofascismo” para os casos contemporâneos (PAXTON, 2007, p. 360-361).

<sup>11</sup> A Espanha só é admitida na organização econômica que culminou na União Europeia em 1986, ou seja, apenas com o fim do franquismo e o início do processo de redemocratização (ROMERO, 2009).

Diante disso, consideramos a análise da circulação de ideias em revistas culturais um exercício fundamental para entendermos os momentos de transposição política e intelectual de governos democraticamente eleitos para ditaduras, nos quais a sociedade levada ao limite encontrou não apenas os subterrâneos da memória, mas também seu subsolo propriamente dito. Assim, o que motiva este texto é a passagem entre democracia e ditadura com o consentimento das sociedades, e, por isso, acreditamos que há questões que estão nos seus subterrâneos.

A disputa entre projetos políticos na Espanha antes da Guerra Civil é primordial para entendermos a ascensão e perpetuação do franquismo, bem como os discursos que serão articulados durante esse regime e que serão apresentados ao longo deste artigo. Para isso, é necessário retroceder brevemente ao final do século XIX. Senão, vejamos.

A figura de Francisco Franco ganhou notoriedade e relevância durante a Guerra Civil Espanhola, mas o período imediatamente anterior à eclosão do conflito foi marcado por disputas intensas entre, grosso modo, grupos conservadores, compostos por monarquistas ultracatólicos, e forças políticas de diversos matizes, como republicanos e socialistas. A crise do final do século XIX e início do século XX expressava os sinais de esgotamento do modelo político e, ao mesmo tempo, um país assolado por divisões internas, pela crise econômica e pelas perdas dos últimos domínios coloniais, como Cuba e Filipinas, após as Guerras de 1898 contra os Estados Unidos. O que, por sua vez, permitiu a ascensão de um grupo de intelectuais – a *Generación de 1898*. A monarquia havia saído de cena em 13 de setembro de 1923, quando o capitão-general Miguel Primo de Rivera realizou um golpe de Estado contra o rei Alfonso XIII. Primo de Rivera reprimiu violentamente os movimentos trabalhistas após as crises econômicas de 1927 e, sobretudo, de 1929<sup>12</sup>. Em janeiro de 1930 foi substituído por Dámaso Berenguer governo de curta duração seguido pela vitória eleitoral do Governo Republicano<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Tais crises acompanham a crise da economia liberal estadunidense. Em 1927, no setor agrícola, e em 1929, com a “Great Depression”, a partir da “Black Thursday” - 24 de outubro de 1929 (HOBSBAWM, 1995, p. 90-112). Pouco após a Quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, Primo de Rivera perdeu seu posto político.

<sup>13</sup> Tal vitória eleitoral foi precedida pela criação de um partido socialista que saiu vitorioso

O Governo Republicano foi um sopro democrático entre 1931 e 1936, antecedido por oito anos de ditadura e sucedido por três de Guerra Civil (1936-1939), adicionado a outros trinta e seis da ditadura franquista (1939-1975). Mesmo assim, não pode ser visto como uma luz democrática homogênea, posto que foi atravessado por instabilidades. Logo no seu início, o rei Alfonso XIII abdica e abandona a Espanha, sendo o retorno da monarquia, paradoxalmente, com a redemocratização em 1975 – Juan de Borbón se tornou Don Juan I no dia seguinte àquele em que Francisco Franco morreu, sendo uma figura política importante na transição democrática. Porém, não obstante as instabilidades, sobretudo as três trocas de governo em cinco anos entre Manuel Azaña<sup>14</sup> e Niceto Alcalá-Zamora,<sup>15</sup> a Segunda República representou uma ampliação democrática, com destaque para uma nova Constituição, aprovada em 9 de dezembro de 1931.

O início do fim da Segunda República espanhola foi o golpe de Estado de 1936, que, após fracassar, deu início à Guerra Civil Espanhola. O conflito bélico interno se estendeu até 1939 e, pela proximidade temporal e semelhança na política de alianças, é visto como antessala da Segunda Guerra Mundial (HOBSBAWM, 1995) – apesar de a Espanha não ter participado deste conflito, com exceção da invasão alemã da URSS, quando Franco enviou a Divisão Azul.

A Guerra Civil possuía de um lado os republicanos, organizados na Frente Popular, e de outro os nacionalistas, com muitos setores alinhados ao ideário fascista. Os primeiros tinham apoio da União Soviética, do México e do Chile, além das Brigadas Internacionais, enquanto os nacionalistas foram apoiados pela Alemanha nazista, pela Itália fascista e

---

porque agregou forças políticas, sobretudo na Catalunha, região mais industrializada e com forte presença sindical.

<sup>14</sup> Manuel Azaña (Espanha, 1880 – França, 1940) foi um intelectual e político espanhol que, durante a Segunda República Espanhola, representou institucionalmente uma opção mais progressista. Foi membro do Partido Reformista de Melquíades Álvarez, porta-voz de Aliança Republicana e foi Ministro da Guerra. Ocupou a presidência entre 1936 e 1939 (CASANOVA, 2007, p. 21).

<sup>15</sup> Niceto Alcalá Zamora (Córdoba, Espanha, 1877 – Buenos Aires, Argentina, 1949) foi um advogado espanhol, inicialmente conservador e monarquista, mas como opositor da ditadura de Primo de Rivera se tornou um “Republicano de última hora”. Foi presidente entre 1931 e 1936 (CASANOVA, 2007, p. 3-15).

pelo Estado Novo português, estabelecido em Portugal por António de Oliveira Salazar desde 1933 e encerrado um ano antes do franquismo – com a Revolução dos Cravos, em 1974.

Já com relação às Brigadas Internacionais, o assunto tem sido densamente estudado<sup>16</sup>, e embora não haja consenso entre os estudiosos quanto à sua relevância em termos de combate militar, sem dúvida foi importante para os combates políticos e, hoje, nos embates pela memória. A relativa romantização das Brigadas Internacionais se relaciona com a presença de alguns intelectuais famosos, como George Orwell e André Malraux. Mas a verdade é que, indiretamente, muitos intelectuais engajados foram atingidos – como Pablo Picasso que pintou *Guernica*, Ernest Hemingway, em *For Whom the Bell Tolls* (*Por quem os sinos dobram*), Octavio Paz e Pablo Neruda que, em 1937, durante a guerra, vão à Espanha para um congresso de escritores antifascistas.

Ou seja, vemos que a Espanha, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, foi perpassada pelas grandes temáticas daquele momento: o abalo do imperialismo vigente desde o século XVI e reinventado no século XIX, a crise da monarquia e o avanço de ideários políticos diversos e opostos entre si – liberalismo, fascismo, socialismo.

Importante destacar que a ascensão de Francisco Franco ao poder, e sobretudo sua permanência, não esteve restrita a um jogo militar. Durante os trinta e nove anos de guerra civil e franquismo foram arregimentadas forças para se impor militar e politicamente – com destaque para a milícia fascista *Falange* durante a guerra, e pela disputa de memórias durante o governo ditatorial. A justificativa para tal disputa se encontrava nos

---

<sup>16</sup> No Brasil, José Carlos Sebe Bom Meihy, Paulo Roberto de Almeida, Thaís Battibugli e Ismara Izepe de Souza estudaram a temática. Mais recentemente há os estudos de Mariana Cardoso dos Santos Ribeiro (2009). Há também a dissertação de Maria Clara Bijaoli (2007) sobre a atuação de mulheres anarquistas no grupo *Mujeres libres* e a produção de memórias pelas sobreviventes nas décadas de 1980 e 1990, ou seja, após o franquismo. Por fim, vale dizer que em recente tese de doutorado, Eliane Venturini de Oliveira (2015) explora os pelo menos 78 brasileiros, dentre os milhares de voluntários de dezenas de países, que estiveram na Guerra Civil Espanhola. Lembremos, por exemplo, que a Terceira Internacional Comunista decidiu apoiar as Brigadas Internacionais e, hoje, o arquivo relacionado ao assunto referente ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) está no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) na UNICAMP.

apelos ao passado glorioso da Espanha, ponto em que a revista *Cuadernos Hispanoamericanos* teve papel importante. Ao contrário da narrativa sobre o passado, o presente não possuía glória em um país pobre e desolado pela guerra, mas que por conta disso pouco se envolveu na Segunda Guerra Mundial. O que permitiu a Franco continuar no poder, diferente da maioria dos ditadores da primeira metade do século XX. Tal permanência veio acompanhada de um isolamento na comunidade europeia, motivando o olhar estratégico sobre a América Latina, fundamental nos propósitos da revista aqui analisada.

### **DESENCADERNANDO OS CH: HISPANIDAD COMO UNIVERSALIDADE REINVENTADA**

A primeira edição de 1948 começa com a imagem já mencionada (Imagem 1) seguida do editorial, *Quien leyere*, declarando um reencontro dos hispânicos (de Espanha e da América) através do diálogo, resgatando sua origem comum com Isabel, a Católica. Em seguida, há o texto “Alfonso X y las leyendas heroicas” de Ramon Menendez Pidal<sup>17</sup>, em que o sábio rei espanhol<sup>18</sup> é colocado junto a Federico II (seu antecessor) como defensor

<sup>17</sup> Ramon Menendez Pidal (1869-1968) é considerado um dos intelectuais pertencentes a geração de 1898. Filólogo espanhol, escreve *Historia de la lengua española*, sendo importante para a edificação da *hispanidad*. Também foi colaborador da revista, Ramiro de Maeztu, nacionalista espanhol que defendeu e justificou a Guerra Civil, a Falange e a ditadura franquista. Inclusive, Cuevas (2003) o coloca como equivalente a Carl Schmitt (jurista e teórico do nazismo). Foi assassinado, em 1936, por milicianos republicanos. Uma das consequências da Guerra Hispano-Americana, incluindo o engajamento intelectual e político da geração de 1898, foi o enfraquecimento da monarquia. De fato, a monarquia espanhola ficou frágil durante todo o século XX, recuperando-se de forma mais duradoura apenas com o início da transição democrática conduzida pelo Rei Juan Carlos I, a partir de 1975. O enfraquecimento monárquico motivou o intelectual José Ortega y Gasset – que não é visto como pertencente a geração de 1898 – a publicar, em 15 de novembro de 1930, o texto “El horror berenguer” no jornal *El Sol*, no qual escreve “Delenda est monarchia”, equiparando a rivalidade da intelectualidade espanhola à monarquia, com as tensões entre Roma e Cartago (CASANOVA, 2007).

<sup>18</sup> Alfonso X (1221-1284) foi um rei erudito do final da Idade Média, atraindo até hoje atenção dos medievalistas. Num período em que a maioria dos reis mal falava latim, Alfonso X dominava-o muito bem, fato confirmado nos seus vários escritos, dentre os quais destacamos *Historia General de España*. Trata-se do primeiro compêndio de uma História da Espanha. Ademais, como rei de Castela, era muito católico (GOFF; SCHMITT, 2002). Uma hipótese que

da cultura hispânica – literatura e ciência – e exaltado pelo diálogo que estabeleceu com muçulmanos e judeus. Dessa forma, a expulsão de muçulmanos e judeus, concluída em 1492, um dos fatos controversos que ajudou a construir a identidade e a unidade católica ibérica, é colocada pelos franquistas como um espaço de diálogo a fim de enviesar o discurso e apresentar uma narrativa conciliatória do passado. Trata-se de uma operação cultural que expressa a visão do tempo presente e o esforço para esmaecer o discurso da violência, de outrora e do presente, em nome de uma liderança que, de um lado, expressava o diálogo, ao mesmo tempo em que, de outro, definia a cultura e a identidade hispânicas.

Depois, César E. Pico<sup>19</sup> escreveu “Nuestro tiempo y la misión de las Españas”, que se mostrou fundamental para nossa pesquisa. O título já revela uma aplicação muito explícita da *hispanidad*, dado que o autor faz uso de uma argumentação filosófica para justificar essa missão *de las españas*<sup>20</sup>. O argumento central do autor é o de que a Europa, após as duas guerras mundiais (1914-1918; 1939-1945) e a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), encontrou a crise da mentalidade racionalista e da modernidade<sup>21</sup>. Diante disso, propõe que a saída seria a recuperação das crenças sociais que unissem as *Espanhas*, sendo uma dessas crenças a fé católica, grande elo de união e fonte para a superação de tal crise. Sobre isso, vemos:

---

estabelecemos é que a valorização de Alfonso X pelos CH pode estar relacionada à vinculação que esse fazia entre saber, poder e religião.

<sup>19</sup> Há poucas pesquisas que passam por este autor, razão pela qual tivemos dificuldade em encontrar informações sobre ele. Um dos poucos casos foi o trabalho já referenciado de IANNINI (2013). Neste texto identificamos que César E. Pico era argentino, fazendo parte da geração que lecionou para os fundadores da revista argentina franquista *Sol y Luna*, da qual o codiretor dos *Cuadernos Hispanoamericanos* Mario Amadeo foi fundador. César E. Pico também foi professor na Universidad de Buenos Aires, havendo, inclusive, a possibilidade de Amadeo ter sido seu aluno.

<sup>20</sup> O autor, na página 54, utiliza a expressão “las Españas de América”, ou seja, faz uma inversão do termo “Américas de España”. Tal inversão do termo colonial revela o novo tipo de colonização que intencionavam, a cultural.

<sup>21</sup> Esse argumento não é novo; vários autores argumentaram nesse sentido, como Sigmund Freud em “O mal-estar na civilização”, publicado pela primeira vez, em alemão, ainda em 1929. No entanto, a novidade de Pico está em como ele mobiliza esse argumento em prol da *hispanidad* sobre a América Latina.

Y sólo los ilusos, añadiría por mi cuenta, pueden pensar que un ideal absoluto pueda actuar en la vida sin hacerse histórico, es decir, sin someterse a la ley de la analogía que gobierna sus diversas manifestaciones. En un sentido profundo, hasta las verdades y máximas de la Revelación cristiana, sin variar por ello en su esencia inmutable, adquieren matices accidentales y hasta propios de lugar y tiempo, que explican los diversos tipos de espiritualidad católica que nos ofrece la historia (PICO, 1948, p. 47-48).

Em seguida, Pico faz uso desse mesmo argumento para criticar os republicanos espanhóis e classificar a Guerra Civil Espanhola como uma reação à tirania imposta pelos republicanos:

La república, de corte racionalista, resultaba anacrónica a esta altura de los tiempos y pretendió imponerse mediante una serie de coacciones más o menos disimuladas que terminaron en el frente popular, máxima tiranía que la nación no pudo padecer sin recurrir a la rebeldía salvadora. He aquí, pues, que España, y con ella la hispanidad de América, lo que he denominado las Españas, asisten a la substantiva crisis mundial sin haber padecido enteramente la propia. (PICO, 1948, p. 55)

Já a segunda parte da revista - “Nuestro tiempo” - inicia com o artigo “Deber de Hispanoamérica”, do mexicano José Vasconcelos<sup>22</sup>. Neste texto, estrategicamente, o ex-reitor da UNAM crítica a Revolução Mexicana. Vasconcelos afirma que a revolução marxista no México, através do PRI, desvirtuou a Revolução Mexicana de 1910; diante disso, a salvação ibero-americana seria através da união *cristiana*. Para fortalecer o argumento cristão, o autor apresenta a Revolução do México como uma *traición anticristiana*, traduzindo o lema revolucionário *Tierra y Libertad* como mote de uma ditadura. Vasconcelos (1948, p. 108) afirma ainda que

---

<sup>22</sup> José Vasconcelos (1882 – 1959) foi um advogado, político e escritor mexicano. Foi reitor da Universidade Nacional Autónoma do México entre 1920 e 1921. Com a consolidação do Partido Revolucionário Institucional no poder se exilou na Espanha.

a América Latina não estava produzindo sua própria História: “Silencioso y profundo ha de ser el iberoamericano de ahora; paciente, porque le tocó pertenecer a pueblos que no están haciendo la historia, y, sin embargo, deben colaborar para salvarla”. Importante explicar que a concepção de história presente é teleológica, progressiva e providencialista. O livro mais importante de Vasconcelos foi “Raza Cósmica”<sup>23</sup>, no qual foi elaborado um discurso em torno da miscigenação e, conseqüentemente, da produção de uma universalidade étnica, cultural e religiosa sustentada no cristianismo.

Por fim, nas duas últimas seções (*Asteriscos y Brújula para leer*), há a propaganda de eventos, como a celebração do centenário de batismo de Cervantes, com o resgate de Antonio de Nebrija, e a já mencionada *II Asamblea de Americanistas*, em Sevilha, por ocasião do IV centenário de morte de Hernán Cortés<sup>24</sup>.

Sobre a *hispanidad*, convém ressaltarmos que o termo é antigo. No século XIX foi vinculado à direita liberal e denominado *hispanismo*, e no século XX foi apropriado pela ultradireita<sup>25</sup> (BEIRED, 2006). De qualquer forma, seu objetivo não mudou muito, pois desde o momento posterior à independência das colônias espanholas houve uma tentativa de unificar uma *Hispanoamérica* em torno da cultura hispânica e, logo, da Espanha. Sobre isso, no CH n° 2, também de 1948, no editorial “Vieja Europa, joven America” vemos (1948, p. 194):

Dos son los tiempos de nuestro propósito y, por lo tanto, de nuestra proposición. El primero: crear una conciencia histórica unitaria en lo esencial: lengua, fe religiosa, temple ético, afirmación de la persona; diversa en los accidentes intelectuales y políticos a todo lo ancho de esa gran Euroamérica que llamamos Hispanidad. El segundo: mover a los hom-

<sup>23</sup> Tal obra cunhou o lema da Universidad Nacional Autónoma de México: “Por mi raza hablará el espíritu”. (ZEA, 2005).

<sup>24</sup> Ambos personagens são símbolos do Império espanhol e da Conquista da América. Antônio de Nebrija elaborou a primeira gramática da língua espanhola e escreveu que “A língua sempre foi companheira do Império”. Já Hernán Cortés, ainda mais conhecido, liderou a Conquista e genocídio do Império Asteca (TODOROV, 2003).

<sup>25</sup> O marco dessa apropriação foi o livro *Defensa de la Hispanidad*, do nacionalista espanhol Ramiro de Maeztu.

bres hispánicos, cualesquiera que sean su solar y su edad histórica, a expresar esa conciencia en ideas, palabras, obras visibles y formas de vida válidas para todos los hombres.

A partir desse trecho, podemos introduzir a reflexão acerca da *hispanidad* enquanto *singular coletivo*<sup>26</sup>. Nesse excerto vemos de forma mais explícita algo que, para nós, se faz presente nas páginas dos *Cuadernos Hispanoamericanos*: um projeto de América Latina. Reinhart Koselleck, junto a especialistas em História Antiga, Medieval e primeira modernidade<sup>27</sup>, analisou a história da palavra *História*. A *Historie* de Heródoto e a maneira de escrever os povos não-gregos, a *res gesta* e a *Historia magistra vitae* no medievo e, finalmente, a História enquanto *singular coletivo* na modernidade mostram, de forma cada vez mais aprimorada, a História como ferramenta para a adoção de um referencial cultural como o referencial universal. No nosso entendimento, a *hispanidad* foi reinventada pelo franquismo enquanto *singular coletivo* mobilizando repertórios capazes de edificar culturalmente uma identidade *hispanoamericana* centrada na Espanha.

Ainda além de Koselleck, o também universalista Leopoldo Zea fornece reflexões importantes, e circunscritas à América Latina. Em “Discurso desde a marginalização e a barbárie” e “A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente”, bem como na sua obra de forma geral, Zea propõe um discurso filosófico que seja capaz de inverter o eurocentrismo cultural que predomina nas “periferias do mundo”. Neste sentido, postula:

O que é a Europa? A Europa é a ciência, a liberdade, as instituições que articulam um povo. Uma vez mais a Espanha tenta passar da periferia, para a qual fora expulsa por seu

<sup>26</sup> O termo, que soa paradoxal, foi elaborado por Koselleck no dicionário de conceitos históricos (*Geschichtliche Grundbegriffe: historisches Lexikon zur politischsozialen Sprache in Deutschland*) que organizou junto a outros historiadores. A coleção tem como objetivo analisar a mudança de alguns conceitos centrais na modernidade – como revolução, democracia e história. Os vários volumes foram publicados apenas em alemão, mas o verbete sobre história (*Geschichte, historie*) foi publicado em português pela editora Autêntica, em 2013 (“O conceito de história”).

<sup>27</sup> Respectivamente: Christian Meier, Odilo Engels e Horst Günther.

fracasso imperial, para o centro como cultura amplificadora dessa cultura até a mesma América. A Espanha apresenta-se como agente cultural da Europa na América, como antes foi da Europa da cristandade. Mas já se fala da hispanidade em relação às colônias da América (ZEA, 2005, p. 267).

Dessa forma, é possível perceber que a descolonização latino-americana não representou a destruição de universalismos, apenas alterou o seu modo de funcionamento. Tal mudança aconteceu, sobretudo, através do deslocamento do âmbito diretamente político para se centrar nas esferas culturais, que evidentemente também são políticas.

### **CHE AUTORES LIBERAIS: POLÍTICA, ECONOMIA E O ISOLAMENTO DA ESPANHA**

A nona publicação, referente a maio e junho de 1949, revelou uma nuance interessante. Os colaboradores são intelectuais mais conhecidos e, ao contrário dos autores vistos até aqui, são analisados por estudos e biografias como liberais, não como simpáticos a fascismos. Nossa hipótese para isso é a de que foram autores conservadores, porém não apoiadores explícitos do franquismo que escreviam na revista, sobretudo para criticar a revolução, o socialismo, e também os países ocidentais que isolaram a Espanha. Dessa forma, podemos complexificar os regimes de consenso entre sociedades e ditaduras, e compreender a profundidade desses subterrâneos embates políticos e de memória.

É o caso de Agustín Nieto Caballero<sup>28</sup>, que inicia seu texto “La educación en la América hispana” citando Gabriela Mistral<sup>29</sup>. Seu artigo

<sup>28</sup> Agustín Nieto Caballero (1889-1975) foi um pedagogo colombiano, responsável pela primeira Escola Nova da América Latina, movimento notadamente liberal.

<sup>29</sup> Pseudônimo da escritora e educadora chilena Lucila Godoy y Alcayaga (1889-1957), vencedora do Prêmio Nobel de Literatura em 1945. Intelectual engajada, colaborou, inclusive, na revista mexicana *Cuadernos Americanos*, que, como mencionamos e outros estudos também apontam (MARTINS, 2012), era a publicação que os CH buscavam responder e rebater. Defensora da educação, sobretudo pela amplitude do acesso e pela pluralidade no ambiente escolar, sua trajetória político-pedagógica representa uma contradição a sua aparição na revista *Cuadernos Hispanoamericanos*. Sobre a biografia de Gabriela Mistral, ver a coletânea de textos da

aborda a educação na América Latina de forma geral, dizendo o quanto suas bases foram abaladas pelas guerras mundiais, apesar de a América Latina não se envolver diretamente nelas. A análise de Caballero é bem aprofundada, passando por questões ainda hoje pouco abordadas, como, por exemplo, as escolas do meio rural – algo defendido pela própria Gabriela Mistral.

Em paralelismo com essa aparente tolerância da revista, Paxton argumenta que o fascismo, em suas formas politicamente viabilizadas (como o nazismo alemão e o fascismo italiano) e nas suas diversas tentativas incompletas (onde podemos inserir o franquismo e o salazarismo), teve sua força advinda do apoio liberal. Paxton explica que a mobilização ideológica e simbólica em torno do *fascio*, ainda no século XIX, começou com a direita liberal e, nesse sentido, indica que:

Se examinadas mais de perto, entretanto, algumas dessas imagens familiares podem induzir a erros irrefletidos. A imagem do ditador todo-poderoso personaliza o fascismo, criando a falsa impressão de que podemos compreendê-lo em sua totalidade examinando o líder, isoladamente. Essa imagem, cujo poder perdura até hoje, representa o derradeiro triunfo dos propagandistas do fascismo. Ela oferece um alibi às nações que aprovaram ou toleraram líderes fascistas, desviando a atenção das pessoas, dos grupos e das instituições que lhes prestaram auxílio. Precisamos de um modelo mais sutil do fascismo, que examine as interações entre o Líder e a Nação, e entre o Partido e a sociedade civil (PAXTON, 2007, p. 79-80).

Também no CH n° 9 há duas intrigantes crônicas<sup>30</sup>. Primeiro a “Crónica económica” de Jose Luis Sampedro<sup>31</sup>, que logo no primeiro tópico do texto (“Ayuda militar”) critica o Plano Marshall, no qual a Espanha não foi auxiliada. Em seguida, justifica a crise econômica europeia por meio da desregulação cambial da libra esterlina:

---

autora organizados por Diego del Pozo (2015).

<sup>30</sup> Nessa edição, especificamente, há três crônicas em sequência: política, econômica e cultural.

<sup>31</sup> Jose Luis Sampedro (1917-2013) foi um economista e escritor espanhol.

Ya desde nuestra primera crónica subrayábamos que el progreso de Europa en el terreno monetario y comercial no había sido tan notable, en los últimos meses, con en el aspecto productivo y real de la economía. Con este motivo se plantea, cada vez con más insistencia, la necesidad de un reajuste más realista de los tipos de cambio de las divisas europeas y especialmente de la libra esterlina, divisa ésta más atacada como ‘supervalorada’, no sólo por su importancia en el conjunto de las monedas de Europa, sino también porque ha sido la única destacada que se ha negado a rendir tributo a la devaluación (SAMPEDRO, 1949, p. 652).

Ao fim, Sáez termina criticando também a Europa Oriental e os empréstimos concedidos pela URSS aos países do COMECON<sup>32</sup>. Tais assuntos também estão presentes nas outras duas crônicas, como na “Crônica cultural”<sup>33</sup>, na qual se critica os comunistas anticlericais no México, e na “Crônica política” de José María García Escudero<sup>34</sup>, que contestava a divisão da Alemanha, o socialismo europeu, a *Commonwealth*, entre outros assuntos.

Como já dissemos, os CH apresentam uma lógica de críticas políticas ora mais explícitas ora mais implícitas, e no caso dessas três crônicas há evidente explicitação. Nelas são criticados os variados inimigos políticos do franquismo, buscando-se também explicações externas para a pobreza que a Espanha vivia naquele momento – seja culpando os Estados Unidos pela exclusão da Espanha do Plano Marshall, seja a Inglaterra por não regular adequadamente a libra esterlina. Claro que as críticas mais incisivas são contra o socialismo, tanto na URSS como na desejada *Hispanoamérica*.

## AMÉRICA LATINA E CULTURA EUROPEIA

---

<sup>32</sup> Conselho para Assistência Econômica Mútua, criado em 1949, tendo função semelhante à OTAN e ao Plano Marshall.

<sup>33</sup> Por José Luis Cano (1911 – 1999), escritor e crítico literário espanhol.

<sup>34</sup> José María García Escudero (1916-2002) foi um jornalista espanhol.

Dois assuntos da revista merecem ser destacados para as questões que estamos discutindo neste artigo: a compreensão da *Hispanoamérica* e de suas heranças da cultura europeia. A concepção dos autores em sua perspectiva crítica ao socialismo e ao marxismo faz com que o tema aparecesse em colunas específicas da publicação, como na edição de número 24 (novembro-dezembro de 1951), na qual se encontram os artigos “Una visión marxista de Hispanoamérica” de Carlos Robles Piquer<sup>35</sup> e “La muerte de la cultura europea” de Ricardo Gullón<sup>36</sup>.

O primeiro é uma crítica ao livro “América Latina: un país” (1941) de Jorge Aberlardo Ramos<sup>37</sup>. Piquer (1951, p.385) começa explicando a importância do livro, ressaltando sua abordagem socialista, e declarando o porquê de analisá-lo: “Se trata de un ensayo mucho más serio y que merece ser conocido por quienes aspiren a influir en nuestros comunes destinos”. Ou seja, é preciso conhecer as narrativas daqueles que disputam a identidade latino-americana. Piquer concorda apenas em um ponto com Ramos: que a América Latina é uma semicolônia dos Estados Unidos.

Já o segundo texto, no nosso entendimento, complementa o primeiro, na medida em que defende que as guerras mundiais e a Guerra Civil Espanhola representaram a morte da cultura europeia, tornando necessária a busca por outros espaços. No caso espanhol, tal espaço seria a América Latina ou, nos dizeres dos cadernos, a *Hispanoamérica*.

Na revista nº 28, de abril de 1952, há contribuições importantes para pensarmos a Espanha na tecitura política europeia e em sua visão para a América Latina. Destaco um texto em especial: “Significado de la Hispanoamericanidad” por Agustín Basave Júnior.

O texto é dedicado a defender o termo *Hispanoamericanidad*, através da contraposição dos termos *Hispanoamérica* e *Latinoamérica*. É evidente a valorização do primeiro ante a crítica ao segundo, revelando os pressupostos

---

<sup>35</sup> Carlos Robles Piquer (1925-2018) foi um político e diplomata espanhol integrante do ICH. No entanto, suas biografias buscam vinculá-lo mais como o ministro da educação e ciência no primeiro governo de transição após o franquismo (1975-1976).

<sup>36</sup> Ricardo Gullón (1908-1991) foi um intelectual espanhol. Formado em direito atuou também como escritor.

<sup>37</sup> Jorge Abelardo Ramos (1921-1994) foi um intelectual argentino, fundador da “Izquierda Nacional”.

da *hispanidad*, que a própria concepção de *Latinoamérica* refuta. Logo no início do texto, ao defender a ideia de uma *latinoamericanidad* como um ataque francês e inglês a Espanha, o autor explica essa visão:

Siempre que en las conversaciones escucho las palabras ‘Latinoamérica’ y ‘latinoamericano’ siento una viva rebelión. Son los enemigos tradicionales de España: los franceses y los anglosajones, los que han popularizado el término, que ha alcanzado voga entre los súbditos de sus culturas (BASAVE JÚNIOR, 1952, p. 100).

Um “Latino-americanismo” é lido como conspiração dos inimigos tradicionais da Espanha, e não como uma formulação dos próprios latino-americanos. Portanto é negada a capacidade de a América Latina afirmar sua identidade por si mesma, sendo relegada à projeção de eurocentrismos (ou norte-americanismos), ou seja, à reprodução de culturas estrangeiras.

Assim, o autor propõe formas de se elaborarem idiosincrasias ibero-americanas, formas de realizar uma vinculação cultural mais estreita entre Espanha e *Hispanoamérica*. Tal postura propositiva é realmente concreta, de modo que, ao fim do texto, Basave Jr. fala de cursos de verão realizados na Universidade do Chile com foco nos problemas e desafios da cultura hispano-americana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, notamos que os assuntos da revista perpassam diversos períodos históricos, assuntos e abordagens, mas mantêm um objetivo teleológico: reafirmar a origem espanhola da América. Destacadamente na evocação do monarca medieval Alfonso X (século XIII), do Império Espanhol (século XVI e XVII, principalmente) e da filosofia de Ortega y Gasset (século XIX). Por outro lado, a ênfase em assuntos contemporâneos (nazismo, stalinismo, URSS, Plano Marshall, COMECON, ONU e EUA) busca afastar a aliança fascista que a Espanha franquista fez na primeira metade do século XX e colocar a culpa da

pobreza e do isolamento político espanhol em agentes externos. Assim, o apelo ao passado e à tradição foram uma forma de justificar a violência e produzir uma homogeneidade que se esconde em termos como *hispanidad*.

Diante disso, e considerando o avanço cada vez maior do autoritarismo no Brasil, na América Latina e no mundo, não poderia concluir sem comentar tal situação – mesmo que brevemente – buscando exercer o papel social dos historiadores e historiadoras. Nessa linha, argumenta Olivier Dumoulin (2017, p. 17-18):

Para compreender as transformações da escrita da história hoje, parto então da hipótese de que ela mantém uma relação obscura, mas comprovada, com aquilo que os historiadores raramente evocam ao termo de sua atividade científica: a razão do ser social de sua atividade. Sob as denominações de “tarefa do historiador”, “missão do historiador”, “função social do historiador”, “papel social do historiador”, “responsabilidade do historiador” reside a ideia de que este cumpre uma função preciosa, específica e incomparável, que não distingue nem o pesquisador nem o professor.

No entanto, apesar do preâmbulo, Olivier Dumoulin não responde claramente qual seria o papel social dos historiadores e historiadoras. Por sua vez, Paul Ricœur (2000, p. 648-649) afirma que: “a história tem a seu cargo os mortos de outrora de que somos os herdeiros. Toda a operação histórica pode ser tomada com um ato de sepultura.” Adiciono que não apenas sepultar como também exumar os corpos é nosso dever. Nesta exumação, coloco aqui o que seria anacrônico na análise de fontes, meu posicionamento contrário a toda e qualquer violação aos direitos humanos, bem como às novas formas de fascismo, que têm surgido como múmias a devorar nossas democracias, já construídas sobre tantos corpos e memórias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTE

*Cuadernos Hispanoamericanos*: nº 1 (1948), nº 2 (1948), nº 9 (maio e junho de 1949), nº 17 (setembro e outubro de 1950), nº 24 (novembro e dezembro de 1951); nº 28 (abril de 1952); nº 41 (maio de 1953); nº 55 (julho de 1954); nº 70 (outubro de 1955). Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/cuadernos-hispanoamericanos-80/>.

### BIBLIOGRAFIA GERAL

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BEIRED, José Luis Bendicho. Hispanismo: um ideário em circulação entre a Península Ibérica e as Américas. In: Encontro da Associação Nacional de pesquisadores e professores de História das Américas, 7, 2006, Campinas, Sp. *Anais do VII Encontro da ANPHLAC*. Campinas: Anphlac, 2006. Disponível em: [http://anphlac.ffch.usp.br/sites/anphlac.ffch.usp.br/files/jose\\_beired.pdf](http://anphlac.ffch.usp.br/sites/anphlac.ffch.usp.br/files/jose_beired.pdf). Acesso em: 15 nov. 2019.

BOBBIO, Norberto *et. al.* *Dicionário de Política*. Brasília: Editoria Universidade de Brasília, 1983.

CAPELATO, Maria Helena R. Cuadernos Hispanoamericanos – ideias políticas numa revista de cultura. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 344-360, 2005.

CAPELATO, Maria Helena R. O ‘ser’ chileno: Identidade nacional e política. *Territórios e Fronteiras*. Revista Online. v.7, p. 90-104, 2014.

CASANOVA, Julián. *Historia de España*: Volumen 8 - República y guerra civil. Barcelona: Crítica, Marcial Pons, 2007.

CONRAD, Sebastian. Historia Global – Agendas y Perspectivas. In: RINKE, Stefan; RIOJAS, Carlos. *Historia Global: Perspectivas y Tensiones*.

- Stuttgart: Verlag Hans-dieter Heinz, Akademischer Verlag Stuttgart, 2017. p. 28-39.
- CRESPO, Regina (coord.). *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. Cidade do México: UNAM e Ed. Eón, 2010.
- CUEVAS, Pedro Carlos González. *Maeztro*: Biografía de un nacionalista español. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia, 2003.
- FREITAS NETO, José Alves de. *Bartolomé de Las Casas: a narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana*. São Paulo: Annablume, 2003.
- HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IANNINI, Nicolás Sebastián. Sol y Luna: una revista nacionalista-católica en el contexto de los años '30 y '40: Una definición al interior del mundo católico y del nacionalismo de derecha respecto del hispanismo, de la Guerra Civil española, del franquismo y del fascismo. *Anuario del Centro de Estudios Históricos "prof. Carlos S. A. Segreti"*, Córdoba (Argentina), v. 13, n. 13, p.155-174, 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. *O conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 485 – 498.
- GOFF, Jacques Le; SCHMITT, Jean-claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval – v.2*. Bauru: Edusc, 2002.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111–153.
- MARTINS, Maria Antonia Dias. *A Identidade Ibero-americana em revista: Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos, 1942-1955*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da

- Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História Social. 2012.
- MYERS, Jorge. Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In: SÁ, Maria Elisa Noronha de (org.). *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.
- NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1975.
- PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- POZO, Diego del (Org.). *Por la humanidad futura, antología política de Gabriela Mistral*. Santiago de Chile: La Pollera Ediciones, 2015.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- ROMERO, Héctor Gustavo Opazo. *Los actores no gubernamentales españoles ante el régimen militar de Augusto Pinochet (1973-1990): apoyo a la democratización y defensa de los derechos humanos*. 2009. 489 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relaciones Internacionales, Departamento de Derecho Internacional Público y Relaciones Internacionales, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2009.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TUSELL, Javier. *Dictadura franquista y democracia, 1939-2004*. Barcelona: Crítica, 2005.
- WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, p. 9-36, jan.-jun. 2013.
- ZEA, Leopoldo. *Discurso desde a marginalização e a barbárie*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

Texto recebido em 11/02/2020 e aprovado em 10/06/2020